

A ANTROPOLOGIA LUSO-BRASILEIRA A PARTIR DO CAMPARATIVISMO HISTORIOGRÁFICO: O CASO DAS SOCIEDADES DE ANTROPOLOGIA E ETNOLOGIA

Luso-brazilian Anthropology from the Historiographic Comparativism: the case of Anthropology and Ethnology Societies

GIESBRECHT, Daniel Florence¹

Resumo

A presente comunicação pretende compartilhar, com a comunidade acadêmica, a investigação realizada para a tese de doutoramento do percurso da História Contemporânea, da Universidade de Coimbra, a respeito das Sociedades Portuguesa e Brasileira de Antropologia e Etnologia. Desde o final do século XIX, multiplicaram-se em todo o mundo sociedades, institutos e agremiações que estabeleceram redes de colaborações internacionais em diversos ramos da ciência. Na Antropologia não foi diferente, e compreender as ações dessas agências confunde-se com a própria história dessa ciência, assim como daqueles que, mesmo não sendo antropólogos em suas formações, contribuíram direta, ou indiretamente, para sua institucionalização. Sendo assim, o objetivo principal deste estudo consiste em uma análise de caráter tanto quantitativo como qualitativo das principais experiências intelectuais permutadas entre os membros das sociedades de Antropologia e Etnologia de Portugal (SPAÉ) e do Brasil (SBAE), assim como seus distanciamentos, aproximações e conexões no período entre 1918 e 1949. Pensar a história dessas duas sociedades abre-nos a possibilidade de um estudo comparado se partirmos da premissa de que dispomos de semelhanças e dissemelhanças entre os nossos objetos. Acredito que a partir do comparativismo historiográfico por meio do confronto de múltiplos focos de análise, de olhares plurais e diversas escalas de observação, permite-se pensar questões importantes em ambientes e contextos diferentes, tendo em vista trazer contribuições que seriam impossíveis numa investigação centrada apenas em um foco.

Palavras-Chave: Antropologia; Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia; Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia; História Comparada; Antropologia Histórica.

¹ Doutorando em História Contemporânea pela Universidade de Coimbra. Mestre em Educação (PUC-CAMPINAS). Graduado em História (PUC-CAMPINAS) e Ciências Sociais (UNIMES). Investigador Colaborador do Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX (CEIS20/UC).

Abstract

This communication intends to share, with the academic community, the research carried out for the PhD thesis of the course of Contemporary History, at the University of Coimbra, regarding the Portuguese and Brazilian Societies of Anthropology and Ethnology. Since the end of the 19th century, societies, institutes and associations have multiplied all over the world, establishing networks of international collaborations in different branches of science. In Anthropology it was no different, and understanding the actions of these agencies is confused with the very history of this science, as well as those who, even though they were not anthropologists in their training, contributed directly or indirectly to their institutionalization. Thus, the main objective of this study consists of an analysis of both quantitative and qualitative character of the main intellectual experiences exchanged between members of the societies of Anthropology and Ethnology of Portugal (SPAÉ) and Brazil (SBAE), as well as their distances, approximations and connections in the period between 1918 and 1949. Thinking about the history of these two societies opens the possibility of a comparative study if we start from the premise that we have similarities and dissimilarities between our objects. I believe that from the historiographic comparativism through the confrontation of multiple focuses of analysis, from plural perspectives and diverse scales of observation, it is possible to think about important issues in different environments and contexts, with a view to bringing contributions that would be impossible in a research centered only in one focus.

Keywords: Anthropology; Portuguese Society of Anthropology and Ethnology; Brazilian Society of Anthropology and Ethnology; Comparative History; Historical Anthropology.

Introdução

No início de 2019 decidi-me por reavivar um antigo projeto de estudo sobre a história do movimento eugênico brasileiro e suas relações científicas internacionais experimentadas pelos seus membros, em especial, sobre o médico eugenista Renato Kehl, compartilhando das premissas defendidas por Kuper (2005), de que para se construir uma História da Ciência e de seus agentes, precisamos não apenas atentarmos às experiências dos atores nacionais, mas também em como esses dialogaram com as instituições, sociedades, organismos oficiais e pares estrangeiros, permutando ideias e excluindo aquelas que não lhes convinham em seu meio.

Em maio daquele ano tive acesso ao fundo Renato Kehl, localizado no repositório arquivístico da Fundação Oswaldo Cruz, no bairro de Manguinhos, zona norte do município do Rio de Janeiro, que reúne cartas, boletins, textos e artigos científicos, discursos, folhetos, recortes de jornais e fotografias, entre outros documentos referentes à vida pessoal e à trajetória profissional do médico e sua campanha pela implantação da eugenia no Brasil.

Foi através dessa investigação, que me deparei com um documento que constava uma resenha sobre uma publicação de Kehl datada de 1926, denominada a *Bíblia da Saúde*. O texto pertencia a seção *Revista Bibliográfica*, parte integrante do 3º Volume dos *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*, publicação periódica dessa instituição de mesmo nome, conhecida pela abreviatura SPAE, creditando a essa descoberta, em acepção gestáltica, um *insight* que deslocaria minha pesquisa para uma temática mais abrangente e binacional.

À partir dessa evidência, consegui através de uma averiguação na internet² todas as edições digitalizadas dos *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*³ dentre os períodos de 1919 a 1949, concebendo descobertas promissoras, pois o número de cientistas brasileiros verificados que se correspondiam com a sociedade era maior do que imaginava: nomes importantes da ciência brasileira como, por exemplo,

² <https://sociedadeportuguesaantropologia.blogspot.com/> (acedido em 15.05.2019).

³ A SPAE passou a publicar os *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia* (assim designados entre o volume I de 1919 ao volume X de 1945, depois do qual passaram a nomear-se por *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*), principal meio de divulgação de suas atividades.

Pedro Calmon, Oliveira Vianna, Edgar Roquette-Pinto⁴, Maria Júlia Pourchet, dentre outros, ou eram colaboradores, ou até mesmo, membros filiados da SPAE.

Através desse percurso preliminar o projeto de trabalho guinou para o objetivo de estabelecer um estudo sobre os tipos de relações que a intelectualidade brasileira manteve direta ou indiretamente com a Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, em especial desde a sua fundação em 1918, até o ano de 1949. Tomamos como referência essa temporização por dois motivos distintos que nos parecem profícuos: o primeiro diz respeito as transformações ocorridas entre as décadas de 1920 e 1950 em âmbito mundial, o que também provocou efeitos na História da Ciência e, conseqüentemente, em seu universo epistemológico. O segundo, por ser um período de consolidação da antropologia brasileira, fato que inclusive daria origem em 1941 a Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia (SBAE), que, apesar de efêmera – extinta em 1949 – foi de suma importância para a história dessa ciência no Brasil, abrindo também a possibilidade de, em meio aos nossos estudos, adentrarmos uma abordagem de caráter comparativo.

A Antropologia em Portugal e no Brasil: objetos de estudo

Ao almejarmos reconstituir a história de uma ciência, podemos alcançar resultados mais expressivos se conseguirmos identificar os esforços coletivos de grupos reunidos por interesses comuns, do que atermo-nos apenas a esforços isolados de alguns indivíduos. Na história da Antropologia, desde o final do século dezenove e início do vinte, foram organizadas várias sociedades, institutos e agremiações que delimitaram tendências e que nos agraciariam com fontes legadas de imenso valor para compreensão desse passado, de intensa produção intelectual tanto original quanto controversa.

Esse foi o ponto nevrálgico de nossa perspectiva de pesquisa: a identificação e análise das principais experiências intelectuais intercambiadas entre os membros das Sociedades de Antropologia e Etnologia de Portugal e do Brasil, assim como seus distanciamentos, aproximações e conexões, no período entre 1918 e 1949, aspirando contribuir para o preenchimento de uma lacuna que há por ser feita, na história antropológica de ambos os países.

⁴ Em 1926 o Museu Nacional estava sob a direção de Edgar Roquette-Pinto que, em parceria com a SPAE, favoreceu a permuta de trabalhos, como por exemplo, o envio de edições do *Boletim do Museu Nacional do Rio de Janeiro*.

Nosso enfoque é a Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia (SPA), idealizada em 1918 pelo antropólogo, médico e professor catedrático da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto, Mendes Correia⁵ e a Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia (SBAE), fundada em 1941, sob a liderança do também antropólogo, médico psiquiatra, psicólogo social, etnólogo e folclorista, Arthur Ramos⁶.

Assim como postulou Handler (2000), a história da antropologia deve ser reconstituída com base no maior número de agentes envolvidos com seu passado, de maneira retrospectiva, e por isso acreditamos poder colaborar com a produção da história da memória dessa ciência no Brasil e em Portugal. Portanto, priorizaremos os trabalhos encontrados na rede que constituiu essas duas sociedades estudadas, e, na medida do possível os confrontaremos, para uma melhor compreensão das suas condições de produção.

Conceitos e fundamentação teórica

A história a respeito das duas sociedades que proponho analisar, confunde-se com a de seus idealizadores. No caso da SPAE, Mendes Correia e da SBAE, Arthur Ramos.

Até a presente data, não encontramos nenhum trabalho que se ocupasse especificamente da história da SPAE, assim como das suas relações com sua rede de conexões acadêmicas internacionais. A tese de doutoramento de Matos (2012) realiza em um de seus capítulos um estudo bem abalizado sobre a sociedade, atrelado a biografia de Correia, a qual foi o objeto específico da pesquisa. Ainda em artigo de Matos (2013) encontramos talvez, a única interpelação acadêmica sobre as relações entre a SPAE e intelectuais brasileiros, mas também sob viés da influência da figura de Mendes Correia na antropologia portuguesa. Martins (2011), como coordenadora da obra *Mendes Correia (1888-1960), entre a ciência, a docência e a política*, apresenta uma coletânea de textos com referências à SPAE *et caetera*, mas também sem o devido destaque como objeto principal de análise. Cleminson (2014), no capítulo *Between consolidation and institutionalisation: eugenics, catholic opposition and the Salazar regime, 1927-1933*,

⁵ Mendes Correia possuía profundo envolvimento com o Brasil. Era diretor do Grupo de Estudos Brasileiros da cidade do Porto, foi membro colaborador de várias entidades intelectuais no Brasil e convidou intelectuais brasileiros para filiarem-se a SPAE, como Renato Kehl – já mencionado –, além de outras personalidades, como por exemplo, os historiadores Pedro Calmon e Oliveira Vianna. (MATOS, 2013)

⁶ Arthur Ramos gozava de grande prestígio na comunidade científica internacional, fato que por exemplo lhe resultou em um convite feito pelo então Chefe da Divisão de Propaganda de Portugal, o escritor José Osório de Oliveira, para participar de estudos antropológicos nas colônias africanas. (AZEREDO, 1986)

fornece pistas sobre as influências epistemológicas da Escola de Antropologia do Porto e da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia, sob o prisma do pensamento eugênico, o que nos é de grande valia para delimitarmos certas especificidades relacionadas à força da eugenia no nuclear dessas sociedades. Estudos como os de Henriques (2015), apesar de não se referirem especificamente à SPAE, mostra-nos a importância da análise contextual em que personagens ligados à história das ciências produziram seus saberes, revelando, por exemplo, a influência da Academia Portuguesa da História, renascida durante o Estado Novo, nas obras daqueles que eram contemporâneos de seu tempo, no caso do artigo, mais uma vez a obra de Mendes Correia. Esse estudo nos advertiu sobre a importância de atentarmos à perspectiva macro-histórica em termos heurísticos e críticos (REVEL, 2010) quando da realização das nossas análises, pois abre-se aí uma possibilidade de compreendermos os debates entre os interlocutores da SPAE e da SBAE de forma que a historicidade não se esvazie.

No caso da Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia, a situação é semelhante e, até mesmo, menos conhecida, pois praticamente inexistem estudos que abarquem a sua temática. Sua bibliografia se resume a uma publicação póstuma, em homenagem ao pesquisador Paulo Roberto de Azeredo, brutalmente assassinado no ano de 1978 no Rio de Janeiro. Azeredo (1986) contempla a história da SBAE realizando metodologicamente uma análise a partir de fontes primárias inéditas, atendo-se não apenas à figura de Arthur Ramos, mas principalmente às atas de trabalho da sociedade e das interconexões da dessa com a da cátedra de Antropologia e Etnologia da Faculdade Nacional de Filosofia (FNFfi) da Universidade do Brasil⁷. Indubitavelmente, o trabalho de Azeredo é primoroso e inédito, tendo em vista a escassez de informações sobre a história sobre o tema, mas pouco avança na consubstanciação das relações da SBAE com a comunidade acadêmica internacional. Apesar disso, foi a partir dessa obra que identificamos caminhos possíveis de entrecruzar a história dos seus membros com outras redes de comunicação internacionais, especialmente a SPAE. Para ficarmos em um único exemplo, Edgar Roquette-Pinto, sócio honorário da SBAE, também era sócio correspondente da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia desde 1926.

Miglievich Ribeiro (2005) realizou um estudo sobre Marina de Vasconcellos, herdeira de Arthur Ramos na cadeira de Antropologia e Etnologia da Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, instituição pioneira na constituição do campo das

⁷ Em 1965 a Universidade do Brasil passaria a se chamar Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ).

ciências sociais, no até então Distrito Federal. Em sua pesquisa, contempla a participação de Marina na Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia, suas conferências nela ministradas, assim como seus esforços em prol da instituição.

Alguns estudos sobre Arthur Ramos (ALMEIDA, 2016), (BARROS, 2000), revela-nos sua importância enquanto esteve por quase uma década na liderança da SPAE, mas assim como em estudos supracitados a respeito de Mendes Correia, conduzem Ramos como tema principal.

A comparação como metodologia

Pensar a história dessas duas sociedades de antropologia e etnologia nos abre a possibilidade de um estudo comparado, se partirmos da premissa, como postulava Bloch (1928), de que dispomos de semelhanças entre os nossos objetos estudados, assim como dissemelhanças entre eles. Temos ciência dos riscos desse método, mas acreditamos, conforme Elliott (1999), de que o método comparativo consiste na capacidade de avaliação de processos históricos ocorridos em nações e territórios distintos, estabelecendo o que se capta de mais particular nos processos estudados e o que há de comum em cenários geo-históricos mais amplos, criando-se um contraste comparativo entre os fatos que resultam de processos mais globais.

Por fim, acreditamos que a partir do comparativismo historiográfico, através do confronto de múltiplos focos de análise, de olhares plurais e diversas escalas de observação, permite-se pensar questões importantes em ambientes e contextos diferentes, tendo em vista trazer contribuições que seriam impossíveis numa investigação centrada apenas num foco (CABALLERO ESCORCIA, 2015).

Como já mencionado no início desse projeto, o ponto de partida para nosso estudo foi dado quando descobrimos nos arquivos da Fiocruz, a existência dos *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia*. De posse dessa documentação obtida em formato digital, uma análise minuciosa que ainda está sendo realizada entre os anos de 1918 a 1949, nos vem revelando a viabilidade de identificação e catalogação, de toda uma rede de conexões científicas internacionais mantidas pela SPAE nesse período, além de nos fornecer a possibilidade de alimentarmos um banco de dados a respeito das temáticas abordadas na seção *Revista Bibliográfica* desses documentos, identificando, além dos autores, tendências, concepções epistemológicas, dentre outras peculiaridades. A documentação burocrática da SPAE, contida nos estatutos e atas de trabalho dessa

sociedade, também nos revela informações profícuas, como nomes, diretrizes e objetivos da sociedade em sua rede internacional.

Em relação à Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia, minha metodologia de análise se assemelha a utilizada com a SPAE, pois também me proponho a dar a devida atenção as atas e estatutos dessa sociedade, as quais se encontram nos arquivos da Universidade Federal do Rio de Janeiro, mesmo ciente do obstáculo de que, em quase uma década de funcionamento, a SBAE não teria desfrutado de situação financeira propícia à publicação de periódicos para divulgação de suas atividades ao público interessado (AZEREDO, 1986).

Acredito que, após a identificação de uma amostra abrangente de indivíduos ligados às sociedades em questão, uma nova etapa de coleta de informações se inicia, agora direcionada a planejar depurar as produções desses agentes, em busca de evidências que possibilitem o entrecruzamento de informações e conseqüentemente, o aumento da possibilidade do número de fontes.

Paralelamente, não posso desconsiderar a importância dos trabalhos realizados pelos dois principais mentores da SPAE, Mendes Correia, e da SBAE, Arthur Ramos, assim como da imprensa periódica do período. Além de um rigoroso levantamento bibliográfico sobre os personagens, tenho ciência da importância de que os fundos que acomodam suas produções, terão para alcançar os objetivos definidos. Já antevejo a incursão a alguns arquivos importantes, tais como: a Sala de Arqueologia e Pré-História Mendes Corrêa do Museu de História Natural da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto; Biblioteca da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto; Arquivo Distrital do Porto; Arquivo Nacional Torre do Tombo em Lisboa; Arquivo da Universidade Federal do Rio de Janeiro; Arquivo da Fundação Oswaldo Cruz no Rio de Janeiro; Arquivo Arthur Ramos da Biblioteca Nacional no Rio de Janeiro.

Tentarei abordar comparativamente as duas sociedades de antropologia e etnologia em questão, estabelecendo suas devidas conexões dentro do contexto internacional dessas ciências, com a pretensão de realizar uma abordagem de caráter qualitativo e hermenêutico dos saberes por essas escolas produzidos. (TRIVIÑOS, 1987) Como hipótese inicial, pretendo estabelecer as principais conexões mantidas entre seus membros, tanto portugueses como brasileiros e como essas se aproximavam, se distanciavam e se conectavam, tendo em vista o processo de institucionalização da antropologia nos dois países.

Como consequência *pari passu* em meu estudo, também se levanta a hipótese de averiguarmos as relações dessas sociedades e de seus membros com políticas nacionais e internacionais, sabendo que vários deles ocuparam cargos públicos em seus respectivos países e se houveram influências primárias ou secundárias estatais em seu funcionamento.

Não descartamos a possibilidade de contatos com pessoas (ou parentes) que mantiveram algum tipo de ligação com os indivíduos por nós analisados, seja em forma de entrevistas formais ou informais. Tenho consciência de que os testemunhos orais requerem um tratamento criterioso devido a sua virtualidade, espontaneidade e a possibilidade de serem revistos, (SILVA, 2002) mas que permite-nos abarcar um conhecimento seguro através da saturação dos objetos em análise, permitindo a identificação de padrões, assim como inserções adentro do contexto verificado, revelando-nos elementos anteriormente ocultos em nossas interpretações. Inclusive, Ferreira (1994), atribui a importância da história oral em dois sentidos: um, no qual os depoimentos têm a função de preenchimento de lacunas da documentação escrita (contribuem com informações); outro, que visa ao estudo de representações, concedendo importância para as relações entre memória e história, daí meu interesse de, se necessário, utilizar-me dessa metodologia.

Plano de Trabalhos em perspectiva

Por tratar-se de um trabalho embrionário, em fase de análise bibliográfica fundamental e das fontes, assim como de seus tratamentos e seleções, o plano geral aqui apresentado é passível de alterações, tendo em vista de que ainda há um percurso de três anos e meio a percorrer, conforme demonstrarei no cronograma de atividades. Mesmo assim, acredito que poderei delimitar as principais seções que contarão essa tese de doutoramento, tendo em vista os progressos e delimitações verificados até então.

A estrutura idealizada nas próximas linhas é de caráter provisório e não está sendo desenvolvida de forma linear, mas conforme o tratamento dos dados e as conexões entre interrelações entre si. Existem capítulos que, por dependerem menos da análise de fontes documentais primárias, já podem ser tracejados, mas não garantimos que também não sejam alterados conforme o decorrer dos trabalhos, fato bastante comum na produção historiográfica (CARDOSO; VAINFAS, 2006).

A tese a princípio se estruturará a partir de cinco capítulos, somados à introdução e as considerações finais. Na estrutura prévia aqui apresentada, iremos nos ater a explicar sobre os três primeiros capítulos e para os demais, evitaremos conceitualizações aligeiradas que comprometam o rigor dessa pesquisa, aguardando o momento oportuno para uma melhor elaboração.

No primeiro capítulo, discutirei os objetos de estudo e resultados almejados, as opções metodológicas, os métodos de recolha das informações, assim como o estado da arte e seu enquadramento teórico.

No segundo capítulo, pretendo dar atenção à história da institucionalização da antropologia no Brasil e em Portugal e suas idiossincrasias, através da história comparada, acreditando na possibilidade de trânsito entre uma abordagem macro e micro-histórica, no contexto do estudo temporal pré-definido da SPAE e da SBAE. Ginzburg (1989) recomenda que o pesquisador possa iniciar o seu ofício por qualquer localidade ou arquivo, seja ele paroquial, notarial ou outro qualquer, com a finalidade de selecionar as pessoas que deseja estudar; no entanto, através da seriação dos documentos, podemos unir o refinamento metodológico da história serial e buscar seguir a trajetória das pessoas selecionadas por suas especificidades e relações com as sociedades em questão, sem perder de vista o universo epistemológico em que se inserem.

O terceiro capítulo realizará, além de uma análise conceitual sobre as duas sociedades de antropologia e etnologia de Portugal e do Brasil, uma minuciosa análise das suas publicações e engajamentos, estatutos e atas entre os períodos de 1918-1949, em que almejamos formar uma espécie de banco de dados para futuros pesquisadores interessados na história da ciência antropológica desses dois países, privilegiando suas produções e intercâmbios entre seus colaboradores, em especial, aqueles de origem luso-brasileira. Nesse capítulo, também dedicaremos um espaço para analisar o maior número possível de obras cambiadas entre seus dois principais representantes, Mendes Correia e Arthur Ramos, com a comunidade científica internacional, pois ambos faziam parte diversas sociedades científicas concomitantemente.

Enfim, ainda adentro de um campo idealizado, mas com reais possibilidades de efetivação, encerro essa breve explanação com a certeza de que o fazer do historiador é imprescindível para a articulação entre a História da Ciência e suas temporalidades, sejam essas na curta, média ou longa duração.

Fontes

AAVV. (1927). *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia (TAE)*, III, n.º 3.

AAVV. (1929). *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia (TAE)*, IV, n.º 2.

AAVV. (1942). *Trabalhos da Sociedade Portuguesa de Antropologia e Etnologia (TAE)*, X, n.º 1.

Livro de Actas da SPAE I, 1918-1924.

Bibliografia

Almeida, Aldir da Luz (2016). *Arthur Ramos: intelectual em perspectiva*. Historia Actual Online, 39 (1), 93-104, Área de Historia Contemporánea, Facultad de Filosofía y Letras, Universidad de Cádiz: Cádiz.

Azeredo, Paulo Roberto de. (1986). *Antropólogos e pioneiros: a história da Sociedade Brasileira de Antropologia e Etnologia*, São Paulo: FFLCH/USP, 284p.

Barros, Luitgarde Oliveira Cavalcanti (2005). *Arthur Ramos e as Dinâmicas Sociais do seu tempo*. Alagoas: Maceió, UFA.

Bloch, Marc (1928). *Pour une histoire comparée des sociétés européennes*. Revue de Synthèse Historique, nº 6. Paris: Librairie Léopold Cerf, p. 15-50.

Caballero Escorcía, Boris Alexander (2015). *La historia comparada. Un método para hacer Historia*, Sociedad y Discurso, nº 28. Aalborg: Aalborg University Press, p. 50-69.

Cardoso, Ciro Flamarion Cardoso; Vainfas Ronaldo (Orgs.) (1997). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*, Rio de Janeiro: Campus.

Cleminson, Richard (2014). *Catholicism, Race and Empire: Eugenics in Portugal, 1900-1950*, Central European University Press: Budapest.

Elliott, John (1999). *Historia nacional y comparada*, Historia y Sociedad, n.º 6, Medellín: Universidad Nacional de Colombia, sede Medellín, p. 12-36.

Ferreira, Marieta de Moraes (1994). *História oral: um inventário das diferenças*. In: *Entrevistas: abordagens e usos da história oral*, Editora da Fundação Getúlio Vargas: Rio de Janeiro.

- Ginzburg, Carlo.; Poni, Carlo (1989) O nome e o como: troca desigual e mercado historiográfico. In: Ginzburg, Carlo. *A micro-história e outros ensaios*, Rio de Janeiro: Bertrand Brasil.
- Handler, Richard (2000). Boundaries and Transitions. In: *Excluded Ancestors, Inventible Traditions: Essays Toward a More Inclusive History of Anthropology*, ed. Richard Handler, Vol. IX de History of Anthropology. Madison, Wisconsin: The University of Wisconsin Press.
- Henriques, Bruno (2015). *A visão histórica de Mendes Corrêa (1919-1940)*, Revista da Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Vol 5, Universidade do Porto.
- Kuper, Adam (2005). *Histórias alternativas da antropologia social britânica*, Etnográfica, IX, n.º 2: 209-230.
- Martins, Ana Cristina (coord.) (2011). *Mendes Correia (1888-1960), entre a ciência, a docência e a política*, ACD Editores: Lisboa.
- Matos, Patrícia Carla Valente Ferraz (2012). *Mendes Correia e a Escola de Antropologia do Porto: Contribuição para o estudo das relações entre antropologia, nacionalismo e colonialismo (de finais do século XIX aos finais da década de 50 do século XX)* (Tese de Doutoramento), Lisboa: Universidade de Lisboa.
- Matos, Patrícia Carla Valente Ferraz (2013). Um olhar sobre as relações entre Portugal e o Brasil a partir da obra de Mendes Correia: desafios, pontes e interações. In: *População e Sociedade: Relações Externas de Portugal*, Porto: CEPESSE.
- Migliovich Ribeiro, Adelia Maria (2008). *Marina de Vasconcellos e as ciências sociais cariocas: a perspectiva dos círculos sociais*. História, Ciências, Saúde – Manguinhos, Rio de Janeiro, v.15, supl., p.17-41.
- Revel, Jacques (2010). História e ciências sociais: uma confrontação instável. In: Boutier, Jean; Dominique, Julia. (Orgs.). *Passados recompostos: campos e canteiros da História*, Rio de Janeiro: UFRJ/FGV.
- Silva, Haike Roselane Kleber (2002). *Considerações e confusões em torno de história oral, história de vida e biografia*, Métis: história & cultura – v. 1, n. 1, p. 25-38.
- Triviños, Augusto Nivaldo Silva (1987). *Introdução à pesquisa em ciências sociais*, São Paulo: Atlas.